

# A CONVERGÊNCIA DOGMÁTICA DOS FUNDAMENTALISMOS

## THE DOGMATIC CONVERGENCE OF FUNDAMENTALISMS

*Altirez Sebastião dos Santos*<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste trabalho é analisada a questão dos fundamentalismos religiosos cristão, judaico e islâmico associados a interesses econômicos e políticos. A partir da criação do conceito *fundamentalismo*, inicialmente aplicado a protestantes estadunidenses integristas, será apresentada a apropriação do termo para caracterizar dogmatismos/totalitarismos político-religiosos que, por serem fenômenos correlatos e mutuamente excludentes, chocam-se e provocam crises e conflitos mundiais. Os fundamentalismos cristão, judaico-sionista e islâmico, enquanto beligerantes, são reflexos da cultura de violência e da sociedade globalizada. O fundamentalismo religioso, contudo, é um fenômeno que tem algo a dizer ao mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Fundamentalismos. Conflito. Dogmatismo. Política. Mercado.

**Abstract:** This paper analyzed the question of religious fundamentalisms Christian, Jewish and Islamic associated with economic and political interests. From the creation of *fundamentalism* concept, first applied to American protestant fundamentalists, the appropriation of the term will be presented to characterize dogmatism/political-religious totalitarianism, which, being related and mutually exclusive phenomena, collide, and cause crises and global conflicts. Christian fundamentalism, Jewish-Zionism and Islamic, as belligerents, are reflections of the culture of violence and globalized society. Religious fundamentalism, however, is a phenomenon that has something to say to the contemporary world.

**Keywords:** Fundamentalisms. Conflict. Dogmatism. Politics. Market.

\* \* \*

### 1. Introdução

Historicamente o termo *fundamentalismo* é uma criação moderna e localizada no espaço e no tempo. Conhecer a origem do conceito e seu desenvolvimento é também uma forma de ampliar a compreensão de que não há um único fundamentalismo, mas múltiplos.

O emprego clássico do termo está vinculado à conceituação do movimento religioso surgido na América do Norte a partir da segunda metade do século XIX, segundo o qual a Bíblia, mais que revelação divina, é entendida como fonte de conhecimento exato até mesmo para questões não religiosas. O período foi marcado por

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. E-mail: altirezss@gmail.com.

urbanização, industrialização, fim da guerra civil, difusão de novas teorias científicas sobre o homem e a natureza e emergência de novos padrões culturais. Os detonadores da reação literalista da Bíblia foram novas descobertas realizadas que obrigaram a repensar a lógica bíblica. Entre essas inovações estavam a teoria da evolução, o conhecimento da antiguidade do mundo, a descoberta dos fósseis e estudos comparados de religiões.

As transformações traziam muitos questionamentos à sociedade e especialmente à religião. Por isso grupos protestantes articularam uma reação contra o que poderia ser a degeneração de uma sociedade vista como piedosa. Como escopo da reação estava a atuação no campo político.

Mesmo dentro dos círculos religiosos as novidades do conhecimento causavam divisões, como a interpretação da Bíblia como um livro de mitologia e literatura escrito em determinadas conjunturas e que, por isso, poderia ser lido sem chaves dogmáticas ou como oráculo de Iavé. Diversos segmentos eclesiásticos reagiram contra esta inovação, chamada “teologia liberal”, reafirmando determinadas verdades de fé. A comunidade presbiteriana, por meio da Escola de Princeton, foi a pioneira nessa reação inclusive ao se utilizar de recursos científicos para comprovar a autenticidade e literalidade da narrativa bíblica. A partir daí, outras comunidades e grupos protestantes passaram a fazer uma cruzada anti-liberalista e conceitos como inerrância, infalibilidade e caráter sacral da Bíblia passaram a ser determinantes na prática religiosa e teológica. Ao longo do século XX o desenvolvimento do fundamentalismo se intensificou no combate ao secularismo através da reafirmação de mitos fundantes dos Estados Unidos (nação eleita, terra da liberdade, destino manifesto etc). O campo das instituições políticas foi gradualmente ocupado pelos representantes desta mentalidade.

Ocupando as igrejas, a política e os meios de comunicação, esse dogmatismo logrou reforçar nos mitos fundadores dos Estados Unidos a necessidade de seguimento correto da Palavra de Deus – e por seguimento correto entendia-se a leitura literal. Isto gerou uma postura reacionária, conservadora e aguerrida nos círculos sociais e políticos.

Contudo, se esse fenômeno é recente, a palavra *fundamentalismo* é ainda mais jovem e passou a ser reconhecida academicamente a partir dos anos 1960 dentro do cristianismo e, a partir de 1979, quando aconteceu a Revolução Iraniana, empregada também ao dogmatismo islâmico, sendo hoje utilizada como designação para outros dogmatismos com fundo religioso ou totalitário. Assim é possível falar do fundamentalismo religioso, mas também político, econômico e científico.

O fundamentalismo, quando associado a questões políticas, geralmente tem posições unilaterais, baseadas ou não em interpretações reducionistas da religião. Nesse caso, o fundamentalismo que é naturalmente portador de *dogmatismo*, passa a manifestar-se, em maior ou menor grau, de forma *totalitária*. Portanto tomaremos neste trabalho os termos *totalitarismo*, *dogmatismo* e *fundamentalismo* como sinônimos sempre que houver associação entre mentalidade religiosa integrista e esfera político-governamental.

O fundamentalismo religioso da atualidade é marcado pela radicalidade e ação política organizada – o que é percebido também, no Brasil no momento atual. Ele tem muitas de suas características emprestadas da sociedade do conhecimento e do mercado, que, aliás, são elementos combatidos em muitos discursos fundamentalistas, mas com os quais há colaboração ou assimilação. Eclodindo em diversas modalidades, esse fundamentalismo é, ao mesmo tempo, uma utopia desvirtuada, uma ideologia malevolente e um culto sacrificial. Embora a base do fundamentalismo seja evidentemente a religião, no fundamentalismo moderno suas bases dogmáticas se completam na aliança com dois outros totalitarismos dogmáticos: a ciência e o mercado.

No presente momento três fundamentalismos de cunho religioso operam no cenário mundial: os dogmatismos judaico, cristão e islâmico. Historicamente eles estão em rota de colisão por fecharem-se progressivamente na justificação de si mesmos e na negação de outros modelos teológicos. Temos assim o paradoxo de três religiões com a mesma base cultural e um olhar estereotipado e mutuamente excludente entre si.

Analisaremos alguns aspectos de cada um destes fenômenos a seguir.

## **1. O fundamentalismo cristão**

Segundo Hinkelammert, a cultura ocidental é tipicamente violenta, por isso ela engendrou ao longo do tempo diversas formas de manifestar essa violência, que muitas vezes foi realizada com a intenção de promover um bem maior:

Refiro-me à violência em nome do amor: a morte de bruxas e hereges na fogueira por amor ao próximo, as cruzadas, a conquista da América por amor às suas populações e para salvar suas almas, apelando ao genocídio, provavelmente o maior de toda a história humana, algo que se repete em todos os processos de colonização posteriores. Coloniza-se, viola-se em toda parte, algo que continua hoje com as “intervenções humanitárias” que desembocam regularmente em grandes genocídios, sempre em nome do amor, dos direitos humanos,

da “carga do homem branco”, e assim por diante (HINKELAMMERT, 2014, p.168).

Constata-se que grande parte dos conflitos em andamento no mundo atual são resultado da interferência ocidental em outras culturas. Tal interferência se processou sistematicamente sob o signo da cruz e via de regra o fez de forma totalitária e conquistadora.

Essa mentalidade conquistadora foi historicamente muito presente no cristianismo que chegou à América nos séculos XVI e seguintes, como pontuado por Hinkelammert. Mas não esta não parece ser uma marca do catolicismo, apenas, mas do cristianismo nas Américas. As dinâmicas de conquista e conversão também são comuns a diversos movimentos religiosos protestantes que surgiram na América Latina. No Brasil, por exemplo, a ação missionária de diversos grupos pentecostais e neopentecostais revestiu-se menos de características evangélicas e mais de aspectos contra-católicos que frequentemente degeneraram em confrontos abertos e velados motivados pelo que Ribeiro (2013) chamou de “violência simbólica”, violência que pode transitar da esfera simbólica para a realidade em forma de “militância” religiosa. Casos envolvendo atitudes de intolerância e fundamentalismo, segundo Ribeiro, podem originar-se em discursos de violência simbólica, como se viu no episódio do “chute na santa”<sup>2</sup> (1995), no “vandalismo de Umari”<sup>3</sup> (2009), e, dentre muitos outros, na polêmica envolvendo o líder pentecostal Silas Malafaia e uma empresa de cosméticos às vésperas da Parada Gay ocorrida em São Paulo em junho de 2015<sup>4</sup>. Este último evento trouxe à tona o aspecto totalitário dos fundamentalismos, que procuram estabelecer padrões de controle sobre as maiorias.

Mas a pretensão de totalidade religiosa no Brasil não é apenas dos grupos protestantes. Em 2008 o Poder Judiciário da Bahia ordenou o recolhimento de milhares

---

<sup>2</sup> O “chute na santa” foi protagonizado pelo bispo Sérgio Von Helde, da Igreja Universal no Reino de Deus e transmitido pela TV Record para todo o Brasil no dia 12 de outubro de 1995, data em que os católicos homenageiam Nossa Senhora Aparecida.

<sup>3</sup> O episódio de Umari, Ceará, é apenas um entre diversos casos envolvendo ataques a símbolos religiosos não apenas católicos, mas também de religiões afro-brasileiras e outros cultos. Sobre o fato de Umari pode-se ler a notícia em: <http://noticias.gospelmais.com.br/evangelica-invade-igreja-catolica-e-destroi-18-imagens-e-7-quadros.html>, acesso em 07 de Junho de 2015.

<sup>4</sup> O comercial em questão, da empresa “O Boticário”, apresentava casais heteros e homoafetivos presenteando-se dentro do contexto do dia dos namorados. Malafaia convocou um “boicote evangélico” contra a marca, que parece ter tido efeitos contrários, pois causou a reação de evangélicos contrários ao boicote e levou muitas pessoas a tomarem a marca de perfumes como uma bandeira de luta contra a intolerância. O boicote que foi boicotado foi amplamente noticiado, como se vê neste portal gospel: <http://noticias.gospelprime.com.br/ganhando-boicote-boticario/>, acesso em 07 de Junho de 2015.

de unidades do livro “Sim, sim! Não, não!”, escrito por Padre Jonas Abib, líder pentecostal católico. O livro associava as religiões afro-brasileiras a práticas demoníacas e incentivava os fiéis a destruírem estátuas religiosas de Iemanjá e de outros orixás.

Num âmbito mais geral, o dogmatismo cristão mais saliente na atualidade é o que opera a partir dos Estados Unidos, onde, a partir da década de 1970, diversas correntes de cristãos fervorosos quiseram estender à política um *script* religioso, passando das questões morais para a política externa com relativa facilidade graças à ideologia do “destino manifesto”.

No período que estamos focalizando, dá-se uma entrada em cena espetacular do teleevangelismo cada vez mais explicitamente político: Jerry Falwell passa a comandar, na Maioria Moral, a campanha para devolver um orgulho nacional de cariz religioso a uma nação combalida e sujeita a 'síndromes' debilitantes de seu auto-apreço (ASSMANN, 1986, p. 25).

Entendendo os EUA como guardiões de valores éticos e evangélicos, muitos líderes religiosos e políticos incentivaram guerras de conquista, extermínio ou saque, que passaram a ser chamadas de intervenções de paz ou operações humanitárias (cf. op. cit., 2014).

Como exemplo desta “missão civilizatória” podemos ver o apoio dos Estados Unidos a Israel na política internacional, que tem em sua base a identificação entre o fundamentalismo judaico e o cristão, representado no mundo sobretudo a partir das ideias de grupos religiosos de origem estadunidense. Tais grupos, marcados pelo obscurantismo bíblico e intolerância ao diferente, promovem em diversos países onde atuam a disseminação de uma mentalidade segregacionista, violência religiosa e proselitismo também violento mais ou menos nos moldes de “a cruz ou a espada”.

Nos Estados Unidos, onde possuem poder econômico, os extremistas cristãos, empregam suas energias para comprovar o “destino manifesto” principalmente elegendos congressistas que defendem o criacionismo e autorizem ações armadas contra países bárbaros e pagãos. Paulo Sérgio Rouanet lembra que mesmo tendo sido exposto ao ridículo mundial pela característica de tomar simbolismos bíblicos como reais graças à interpretação literal, os fundamentalistas continuam muito vivos e atuantes: “durante a Guerra Fria, desfraldaram a bandeira do anticomunismo e hoje combatem o aborto e o homossexualismo. Seu poder já ultrapassa os Estados Unidos” (ROUANET, 2001, p.

13). De fato, na América Latina e África onde grupos radicais cristãos têm ampla penetração, a violência mantém-se quase sempre no nível ideológico, mas se ramificam na política e ensaiam uma possível conflagração tão logo tenham força numérica para tanto.

Contudo, é sempre difícil até mesmo para os mercenários mais puritanos disfarçar a verdadeira motivação de tantas pugnas do bem contra o mal: o interesse econômico e a necessidade de novas áreas coloniais, mercados ou minérios foi sempre o grande butim de guerra que o exército imperial buscou, como por exemplo, o controle do petróleo na Guerra do Iraque ou a apropriação das jazidas do Afeganistão.

Quando o presidente dos estadunidenses acreditou que sabia quem era o causador do ataque aos prédios do 11 de setembro, batizou a intervenção no Afeganistão como “Justiça Infinita”, expressão que evoca um dos atributos da divindade. Afinal, os norte-americanos estavam agindo em nome de seu deus, que, aliás, é o único verdadeiro. E foi como força política e ao mesmo tempo “missionária” que os EUA intervieram em diversos países do mundo que de alguma forma se comportaram fora da ortodoxia esperada. O Oriente Médio foi apenas um dos diversos focos de conflitos que resultaram da intervenção messiânica ocidental.

## **2. O fundamentalismo judaico**

Na origem do fundamentalismo judaico-sionista<sup>5</sup> está a questão colonial, visto que o Estado sionista foi construído a partir da invasão da Palestina. Este totalitarismo opera preferencialmente em três níveis, com o primeiro articulando os dois outros: político, ideológico e militar. A partir do *lobby* judaico nos EUA, no patrulhamento midiático e a partir do Estado de Israel.

Como um dos últimos casos de invasão colonial do mundo, o conflito israelense é motivado muito mais pela necessidade de manutenção da invasão e do aparelho estatal que por algum motivo religioso. Evidentemente muitas questões são evocadas para dar legitimidade ao problema que Israel representa: a terra prometida do Antigo Testamento, os exílios impostos, a perseguição aos judeus e o holocausto são sempre lembrados.

---

<sup>5</sup> Entendemos os conceitos *judaísmo* e *sionismo* como distintos. Por judaísmo entenderemos o que se refere à cultura hebraica religiosa ou não. Por sionismo entenderemos o movimento político-ideológico que decretou a expulsão do povo palestino de sua terra para dá-la a colonizadores de outros continentes bem ao estilo clássico das guerras de invasão, destruição e conquista.

Porém, o contraponto, que é a aniquilação da população autóctone nunca é mencionada. Já na sua origem, o movimento que abriu caminho para a expansão sionista na primeira metade do século XX, o Irgum Zvai Leumi, comandado por Menachem Begin, adotou táticas de terrorismo contra os mandatários britânicos (que haviam colocado os judeus na Palestina) e contra os árabes donos das terras. Assim que os ingleses entregaram uma terra que não era sua para os colonizadores sionistas, retiraram-se e desde então o conflito se acirrou.

O criador do sionismo político é considerado Theodor Herzl. Outros ideólogos ou ativistas do sionismo são Vladimir Jabotinsky, Max Nordan, Chaim Weizmann, N. Kirschner, Moses Hess, Rudolph Kastner e outros. De acordo com Ralph Schoenman (2008), sobre alguns destes ideólogos, como Jabotinsky, é interessante saber que, de suas reflexões sobre a dominação e limpeza étnica na Palestina os nazistas retiraram importantes pontos chave para a criação do Programa do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães:

É impossível que alguém seja assimilado por outro povo que tenha sangue diferente do seu. Para que seja assimilado, este alguém tem de trocar seu corpo, tem de converter-se em um deles, no sangue. Não pode existir assimilação. Nunca poderemos permitir coisas como o casamento misto porque a preservação da integridade nacional só é possível mediante a pureza racial e, para tal, temos de ter esse território onde nosso povo constituirá os habitantes racialmente puros. (JABOTINSKY *apud* SCHOENMAN, 2008, p. 63).

No entanto, mesmo manifestando colaboração com o nazismo, o sionismo israelita foi poupado de retaliações por ser um posto avançado no instável Oriente Médio (*op.cit.*). Mais que isto: foi premiado com grande colaboração por parte de países ocidentais. Muitos pesquisadores já se detiveram sobre a questão do apoio incondicional e irrestrito dado a Israel pelos EUA, que é de manter a fiscalização e dominação no Oriente Médio, papel que Israel cumpre perfeitamente. Os interesses estadunidenses foram fundamentais para o reconhecimento, emergência e financiamento de um Estado judeu redivivo na terra do povo palestino. Como Mearsheimer e Walt (2006) sintetizaram, os principais pontos dessa relação é viabilizada, nos EUA, por organizações judaicas fortemente ancoradas em setores estratégicos da sociedade corporativa (como indústria, bancos, mídia). Essas corporações se articulam no *lobby* pró-Israel, financiando campanhas de congressistas estadunidenses, manipulando os meios de comunicação social, impondo orientações ao governo e manipulando a opinião

pública com elementos ideológicos produzidos para distorcer a verdade sobre a real natureza da questão árabe-israelense, coleção de conflitos motivada basicamente pelo imperialismo israelense sobre os palestinos, agressão que é assumida pelo mundo muçulmano.

EUA, Israel e aliados acionaram a indústria cultural para promover uma visão inexata da questão palestina e, por outro lado, uma visão romantizada do holocausto judaico. Há um incontável número de filmes, desenhos animados, documentários e outras produções que trabalham no imaginário cultural explicitando ambas as posturas. Os árabes, habitantes naturais da Palestina, são frequentemente retratados como terroristas enquanto soldados judeus ou estadunidenses são os heróis da liberdade. Há também o enfoque na vitimização, perseguição e intolerância contra pessoas de cultura ou religião judaica. Diversos intelectuais, inclusive israelenses, consideram tal visão promovida pela indústria cultural como excessiva ou até fantasiosa, manifestando que o que está por detrás da demonização árabe e angelização judaica é uma questão política com raízes no fundamentalismo (cf. MEARSHEIMER & WALT, 2006; FINKELSTEIN, 2001; SORJ, 2007).

A outra face da realidade, nem sempre mostrada pelas câmeras, é bastante desconcertante, pois envolve campos de concentração, guetos, expropriações criminosas e diversos crimes de guerra com requintes de crueldade e sofisticação, elementos que foram imputados a outros totalitarismos da História. Neste sentido, o fundamentalismo judaico-sionista se define como modelo de convergência dos dogmatismos político, militar, cultural, econômico e científico, que se agrupam em torno da questão religiosa.

### **3. O fundamentalismo islâmico**

O radicalismo islâmico por sua vez, tem dois motivadores: 1) a interpretação proselitista que alguns grupos religiosos dão ao Corão e 2) a reação cultural-religiosa a situações de exclusão, totalitarismo e a variados problemas não resolvidos da era colonial.

O primeiro motivo serve de válvula de escape para grupos que se sentem inferiorizados de alguma forma e faz eclodir conflitos, guerras e crimes em diversos lugares. Por outro lado, núcleos clericais dão voz a estes descontentamentos ao atribuir ao Ocidente e seus costumes a degradação da civilização muçulmana.



A segunda razão é, de longe, a que causa mais reações, pois a partilha colonial conseguiu cimentar uma cultura popular abertamente anti-ocidental (também entendida como anti-cristã), o que motiva diversos fenômenos que no Ocidente são vistos como intolerância ou terrorismo, mas que na ótica histórica daqueles povos aparece como reação. A mídia ocidental, no entanto, via de regra, realiza uma comunicação parcial sobre estas convulsões. É comum vermos em nossas telas os Estados muçulmanos serem caracterizados por *falta* de liberdade, tolerância e direitos humanos, com países onde ditadores acobertam perigosos terroristas. O que não se veicula é que ditadores e terroristas foram ou são financiados, por determinados países imperialistas adeptos da política de terrorismo de Estado.

Há muitos efeitos da era colonial e pós-colonial que afetam a comunidade cultural muçulmana. Conceitos como martírio, messianismo e submissão religiosa na verdade podem esconder processos de inconformidade social contra o saque colonial, as fronteiras artificiais, a questão israelense e a invasão e promovida por Estados Unidos e aliados sempre que seja necessário retirar algum ex-amigo ditador ou caçar algum ex-colega terrorista.

Como dito antes, curiosamente foi no Oriente Médio que o termo fundamentalismo foi empregado pela primeira vez para denominar um processo inédito, o que foi possível pela proximidade conceitual entre os fenômenos (moralização da política pela fé). Breno Martins Campos (s/d.:5), citando Flávio Antônio Pierucci, assim narra a apropriação e difusão do termo fundamentalismo:

Dada a origem protestante do termo e da tradição fundamentalista, por que os radicais islâmicos são hoje chamados de fundamentalistas, se não são cristãos e nem estão preocupados em defender as doutrinas fundamentais do cristianismo? A resposta vem da história: "A confusão terminológica veio à tona quando o aiatolá Khomeini derrubou o xá [Reza Pahlevi]. Foi em 1979" (PIERUCCI, 1999, p. 177).

Em nome de Alá e Maomé, a rebelião religiosa derrubou o regime político laico e seu governo e estabeleceu um regime teocrático e totalitário. No Irã, país da revolução religiosa, e depois em outros países islâmicos, os textos do Corão passaram a ser interpretados e utilizados para legitimar o uso e o abuso da força pelos governantes contra opositores, fossem eles países, governos ou pessoas. Nenhum termo do universo islâmico capaz de nomear aquele acontecimento e suas motivações era suficientemente conhecido no ocidente.

Um neologismo ("khomeinismo", por exemplo) poderia até pegar, mas o sentido de urgência muito próprio da mídia exigiu pressa. Em

1979, e ainda hoje, o mundo islâmico era um grande outro cultural desconhecido. A solução? "O jeito foi recorrer às pressas ao baú e ismos das igrejas ocidentais" (PIERUCCI, 1999, p. 178).

Foi assim que o noticiário ocidental, da década de 80 do século passado, passou a chamar de fundamentalistas os muçulmanos sectários e fanáticos.

A mesma motivação dos aiatolás é utilizada por centenas de grupos doutrinados e militarizados que lutam até mesmo entre si para moralizar os costumes da religião islâmica. Sobretudo na África, onde as estruturas sociais foram muito fragilizadas, disseminam-se grupos fortemente aparelhados para realizar uma versão própria da revolução islâmica (ações que costumam implicar mortes). Por isso países como Mauritânia, Mali, Níger, Chade, Sudão, Nigéria, Argélia, Marrocos, Tunísia, Líbia, entre outros, padecem sob a ação de guerrilhas frequentes que misturam motivações políticas, econômicas, tráfico de drogas/armas/pessoas a discursos radicais religiosos.

Esses movimentos, com grande capacidade de mobilização e articulação deixaram perceber que os efeitos dos fundamentalismos não estão mais circunscritos a zonas geográficas fixas. Os fundamentalismos cristão e judaico agem por meio de conexões formais em outros continentes e também em colaboração entre si. Mas quanto ao islâmico, há uma grande vantagem nessa mobilização global de constituição informal, já que as ondas migratórias em direção aos países ricos e a elevada taxa de natalidade fazem com que os muçulmanos constituam expressivas comunidades. Neste caso, de acordo com o estudo de Alexandre Santos de Amorim (2008, p. 21) mesmo os descendentes de imigrantes muçulmanos, já de terceira ou quarta geração, nascidos na Suíça, Canadá ou Argentina, e que são cidadãos de tais países, identificam-se com motivações que são comuns ao fundamentalismo islâmico, tais como identidade, religião, reação ao imperialismo etc.

Açodados pelos confrontos que tiveram com o a ação colonialista, a “urgência do combate aos infieis” é mais uma vez atualizada e convalidada pelos dois outros totalitarismos. Os eventos de 11 de setembro foram um marco histórico para o mundo globalizado, pois na ocasião os três fundamentalismos de alguma forma se fizeram participantes da tragédia. Outros eventos como o ataque ao jornal francês *Charlie Hebdo* no início de 2015 alertaram o mundo de que a questão ainda está em aberto. Muito menos noticiado que o ataque ao pasquim francês e com algumas semanas de antecedência àquele atentado, o grupo extremista Boko Haram perpetrou uma série de atentados no norte da Nigéria, atingindo ao menos duas mil pessoas. O grupo, que

defende o cumprimento da *sharia*, a Lei Islâmica, destruiu vilas inteiras e sequestrou em abril de 2014 cerca de 250 meninas que não foram mais encontradas. A emergência do Estado Islâmico, que é representativo de vários outros movimentos similares em diversos países, faz crer que tais grupos fundamentalistas tenham certo apoio em bases populacionais e geográficas, como qualquer grupo extremista e por isso a questão da violência possa ser ainda mais complexa, pois aparentemente está arraigada culturalmente. O que é válido para judeus, cristãos, muçulmanos e demais expressões culturais-religiosas.

A intersecção dos três fundamentalismos é uma marca atual do mundo globalizado e um desafio aos direitos humanos.

#### **4. Considerações Finais**

O que nos dizem os fundamentalismos?

Por conta da diversidade própria dos fenômenos fundamentalistas é possível perceber muitas reivindicações em uma pauta nem sempre clara. Mesmo assim é possível perceber a urgência de três reivindicações ou mensagens.

A primeira mensagem é que o fundamentalismo é um movimento de retorno da religião a um lugar do qual ela foi deslocada pela modernidade<sup>6</sup>. Por isso, muito mais que ser um enfrentamento com ou sem motivações históricas ou sociais, o fundamentalismo advoga, ou melhor, reivindica, o restabelecimento da religião na sociedade. Quando aconteceu a “expropriação” das instituições mantenedoras do sagrado, a cultura voltou-se para outras experiências religadoras e desde então há a tentativa de recuperar o retorno ao cenário histórico, mesmo que isso ocorra sem diálogo. Se na civilização ocidental este é um processo que já leva meio milênio, na civilização islâmica possui não mais que cento e cinquenta anos, por isso o vigor da pauta religiosa muçulmana ao reagir a esta desapropriação.

A segunda mensagem dos fundamentalismos é que fundamentalista não é somente o outro, mas, para começo de conversa, *eu*. É necessário que *eu* também me

---

<sup>6</sup> Marilena Chauí assim se expressa sobre o esquecimento da religião: “Dessa maneira, a modernidade simplesmente recalçou a religiosidade como costume atávico, sem examiná-la em profundidade. Sob uma perspectiva, considerou a religião algo próprio dos primitivos ou dos atrasados do ponto de vista da civilização, e, sob outra, acreditou que, nas sociedades civilizadas adiantadas, o mercado responderia às necessidades que, anteriormente, eram respondidas pela vida religiosa, ou, se se quiser, julgou que o protestantismo era uma ética mais do que uma religião, e que o elogio protestante do trabalho e dos produtores cumpria a promessa cristã da redenção” (2006, p. 129).

veja como construção histórica e, portanto, carregando milênios de conceituações e formas de perceber o mundo que nem sempre levam em conta outros modos de olhar para a realidade. Creio na urgência desta mensagem pela grande desinformação que a mídia e determinados poderes causam ao tratar de temas como o terrorismo, por exemplo: presta-se um grande desserviço à população quando não se mostra a real origem das reações radicais<sup>7</sup>. Com esse obscurantismo midiático reafirma-se a concepção de que “fundamentalista é o outro”, bárbaro é o outro, demônio é o outro, nunca *eu* mesmo.

A terceira mensagem do fundamentalismo é que ele atua como marcador de tempo regressivo para o mundo. Quando mais destruição e agressões forem provocados pelos fundamentalismos, mais o mundo se aproximará de grande precarização, que trará consigo perdas históricas, geográficas, políticas, materiais, naturais e sobretudo de humanidade. Em um determinado momento do conflito passa a ser muito difícil notar traços humanos naqueles com os quais se está lutando. A dinâmica da violência é cíclica e aprofunda o distanciamento dos envolvidos tornando difícil lembrar os motivos que causaram a primeira discórdia. No fim das contas a violência que elimina a humanidade do outro elimina também e primeiramente a humanidade do que a pratica. Não há vencedores.

Estas reflexões não concludentes nos obrigam a olhar com atenção para a cultura de violência simbólica que está no início de tantos conflitos. Principalmente porque a violência simbólica é uma forma de agressão muito sutil e eficaz como agressão; o seu desenvolvimento – ao se transformar em ação violenta – não representa um “salto qualitativo”, pois tanto o aspecto simbólico-ideológico quanto o aspecto físico-destruidor são partes da mesma violência. O Brasil tem apresentado eventos notáveis que se relacionam ao que foi chamado “cultura do ódio” não apenas no campo religioso, que é o principal enfoque destas notas sobre fundamentalismo, mas também em outros campos. Quando brasileiros no início de 2015 se utilizaram das mídias e redes sociais para se manifestar sobre escândalos de corrupção contestar os resultados das eleições e

---

<sup>7</sup> Na análise deste processo de demonização do *outro* totalitarismo, Franz Hinkelammert diz que: “Consequentemente, se a sociedade burguesa efetua uma crítica de violações dos direitos humanos, ela o faz sempre contra estes pretensos despotismos, comprovando que suas próprias violações dos direitos humanos são necessárias como consequência de sua luta contra as violações de per si cometidas pelos outros. Desde essa perspectiva, as violações burguesas dos direitos humanos perdem toda a importância, e a sociedade burguesa chega a ser uma sociedade sem nenhuma consciência moral perante as próprias violações desses direitos” (1995, p.35).

algumas políticas ou programas públicos a expressão “cultura do ódio” foi muito utilizada. Naquela ocasião o discurso religioso (que esteve presente nos posicionamentos políticos) foi instrumentalizado em favor da defesa ou condenação de questões diversas questões políticas. Também já mencionamos alguns episódios religiosos relacionados à intolerância ao diferente no campo religioso brasileiro. Se uma reflexão séria e madura não for iniciada, é possível que o campo das violências comece a aumentar, passando do nível simbólico ao da agressão física, processo que frequentemente cria, nos opositores, personificações do mal que devem ser combatidas. Se realizada tal reflexão, é possível que ela revele o evidente: a existência do outro, do diferente, da minoria não representa uma afronta à minha existência. Pode representar uma riqueza.

## **Referências**

- ASSMANN, H. *A igreja eletrônica e seu impacto na América Latina: convite a um estudo*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAMPOS, B. M. C. *Fundamentalismo protestante: a invenção de uma tradição exclusivista na modernidade*. Disponível em: <[www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Breno%20Martins.pdf](http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st3/Campos,%20Breno%20Martins.pdf)>. Acesso em 20 dez 2014.
- CHAUÍ, M. Fundamentalismo religioso: a questão do poder teológico-político. In: *Filosofia Política Contemporânea: Controvérsias sobre Civilização, Império e Cidadania*. Atilio A. Boron, 1a ed. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; São Paulo: Departamento de Ciência Política. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2006.
- BERNARDO, T; RESENDE, P. E. A. (Orgs.). *Ciências Sociais na Atualidade: realidades e imaginários*. São Paulo: Paulus, 2007.
- FINKELSTEIN, N. G. *A Indústria do Holocausto: reflexões sobre a exploração do sofrimento dos judeus*. Trad. de Vera Gertel. Rio de Janeiro: Record, 2001. 3ª ed.
- HASTENREITER, V. C. *Ayaan Hirst Ali: Uma Cidadã Multicultural nos Limites da (In)tolerância*. Monografia. Departamento de Relações Exteriores. Belo Horizonte: UNI BH, 2008.
- KOLTAI, C. *Será que será? Uma leitura psicanalítica da religião*. In: BERNARDO, Teresinha & RESENDE, Paulo-Edgar Almeida (ORGS). *Ciências Sociais na Atualidade: realidades e imaginários*. São Paulo: Paulus, 2007.
- MEARSHEIMER, J.; WALT, S. *O Lobby de Israel*. Trad. Otacílio Nunes Jr. In: *Revista Novos Estudos*, 76, novembro de 2006.
- OLIVEIRA, J. L. M. *Riscos atuais do fundamentalismo religioso*. Brasília: UCB, s/d. Divulgação.
- RIBEIRO, C. O. Um olhar sobre o atual cenário religioso brasileiro: possibilidades e limites para o pluralismo. In: *Estudos de Religião*, v. 27, n. 2 • 53-71 • jul.-dez. 2013
- ROCHA, D. Subcultura política fundamentalista? - Breve reflexão sobre um conceito, uma prática e uma crença. In: *XVIII Encontro Regional da ANPUH-MG – 24 27 de Julho de 2012 – Mariana, MG*. Disponível em: <

[http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340749050\\_ARQUIVO\\_Subculturapoliticafundamentalista-DanielRocha.pdf](http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340749050_ARQUIVO_Subculturapoliticafundamentalista-DanielRocha.pdf)>. Acesso em 2 de Dezembro de 2014.

ROUANET, P. S. *Os três fundamentalismos*. In: Folha de S. Paulo, São Paulo, 21-X-2001. Caderno Mais! p. 13.

SORJ, B. Anti-semitismo na Europa hoje. In: *Revista Novos Estudos*, 79, novembro de 2.007.